

Eu vou de microlete. E tu?

Lúcia Vidal Soares

Instituto Politécnico de Lisboa – Escola Superior de Educação

Amigos:

As palavras mesmo estranhas

Se têm música verdadeira

Só precisam de quem as toque

Ao mesmo ritmo para serem

todas irmãs.

José Craveirinha,, *A fraternidade das palavras*

Com esta minha comunicação pretendo abordar por um lado, a riqueza linguística e cultural que a Língua Portuguesa encerra e por outro, tocar dois pontos decorrentes do seu processo de ensino/aprendizagem. O primeiro diz respeito aos agentes, isto é, ao processo de formação dos docentes de Língua Portuguesa e o segundo, aos próprios alunos – a actividades que com eles podem ser desenvolvidas

Comecemos por nos interrogar sobre o que é o português? O português, tal como aparece definido no sítio do Instituto Camões (www.institutocamoes.pt), *é a língua que os portugueses, os brasileiros, muitos africanos e alguns asiáticos aprendem no berço, mas não só (darei eu), reconhecem como património nacional e utilizam como instrumento de comunicação, quer dentro da sua comunidade quer no relacionamento com outras comunidades lusofalantes.*

A diversidade de espaços, sem continuidade geográfica, localizados em diferentes continentes, onde aquela é utilizada e a sua *partilha* por diferentes comunidades, o que permitiu escrever a Luís de Camões “ *se mais mundo houvera lá chegara*”, são os aspectos que me proponho reter, na medida em que são eles, que dão à Língua Portuguesa unidade e diversidade.

A unidade advém do facto de continuar a ser sentida como língua única pelos falantes espalhados pela Europa, África, América e Ásia e pelas outras comunidades de lusofalantes.”

Por outro lado, se a cultura reflecte a organização da experiência de uma colectividade e se a linguagem cristaliza, integra e transmite estas experiências, como afirma Guy Jucquois (1990), é evidente que a sua extensão espacial contribui para a sua diversidade e que esta, muito provavelmente, aumentará com o tempo. Tal como escreve Rosa

Virgínia Mattos e Silva, conceituada linguista brasileira, no texto “Diversidade e Unidade: A aventura linguística do português”, colocado no site do Instituto Camões, “ (...) *as configurações linguísticas internas que assume a língua portuguesa nos diversos lugares em que é utilizada são de natureza também diferenciada, decorrente da história própria que viveu, a depender dos factores externos – históricos, sociais, geográficos e demográficos – que determinaram a sua difusão e implantação em cada um desses locais.*”

Aliás, essa diversidade existe já dentro de um qualquer espaço: quem comparar a língua falada em duas regiões distintas (dialectos) ou mesmo em grupos sociais (sociolectos) diferentes confronta-se com essa disparidade. As normas escritas da língua tendem a neutralizar muitas das diferenças orais. Existe, no entanto, uma “*espinha dorsal*” como lhe chamou Rosa Virgínia Mattos e Silva, *que une as diferenças, (...) é o do sistema de regras comuns que subjaz a essas diferenças*”

A Língua está óbvia e claramente ligada à cultura, através do vocabulário, uma vez que, quando novos elementos culturais são inventados ou copiados, o vocabulário aumenta ou modifica –se de modo a atender a novas exigências. À medida que a cultura cresce em complexidade, cresce também o vocabulário da língua a ela associada. Nessa perspectiva a língua é encarada como parte integrante da cultura.” (Soares;1996:38)

Ora para que as crianças se apercebam desta unidade e diversidade linguística e cultural inscrita na língua que utilizam na sala de aula, é necessário que os professores estejam preparados para tal. Assim estes têm de estar conscientes que:

- a língua e as suas variantes – dialecto e sociolecto – são uma das manifestações abertas da identidade cultural com as quais nos confrontamos na vida quotidiana. A língua serve para marcar a identidade cultural, tal como outros traços culturais.
- Cada falante utiliza, mais ou menos conscientemente, uma variante linguística para revelar a sua identidade social, por vezes ajusta-a em função da situação e dos interesses.
- “...la langue incarne les valeurs et les artefacts d’une culture qu’elle réfère au réel” Byram (1992: 65). Daí a necessidade do professor de língua ter de conhecer e de dominar a cultura da língua que ensina.

- O professor de língua não pode esquecer que a língua representa um factor de equilíbrio não só a nível cultural, mas também a nível psicológico. A visão do mundo e da realidade está condicionada e é determinada pela língua que cada um fala.
- O professor de língua funciona, por vezes, como mediador cultural, na medida em que, por um lado, tem de interiorizar determinados aspectos da cultura e da língua do aluno e, por outro, vai estabelecendo relações de similitude e/ou de diferença com a língua e cultura que ensina.

Parece-nos, por outro lado, que a Escola está a utilizar um modelo linguístico e cultural fortemente decalcado no padrão europeu, pelo menos a nível dos manuais escolares, afastando-nos do uso que os falantes fazem da língua e da sua gramática particular.

É urgente formar professores com competência para ensinar quer no seu território, quer em outros contextos.

Preconiza-se, igualmente, uma disciplina de Língua e Cultura Portuguesa integrada na formação de formadores e de animadores para o ensino básico e pré-escolar (primário e jardim de infância) numa vertente lúdica, de utilização e aprendizagem, tendo como objectivos:

- Sensibilizar os professores para as questões da lusofonia, incluindo a variação linguística da Língua Portuguesa em diferentes contextos;
- Promover uma Educação Linguística, face à heterogeneidade (linguística e cultural) da população escolar. Isto é, têm de ser formados de modo a promover todas as línguas, incluindo aqui as menos *reconhecidas* socialmente, mas, em simultâneo, promover a utilização da Língua Portuguesa como meio de comunicação entre todos e nas diferentes disciplinas (transversalidade da língua).
- Consciencializar os formadores que é situado e marcado culturalmente que o homem entra em contacto com outros homens, também eles marcados culturalmente (Clémentine FaiK – Nzuij ; 1994:8)
- Alertar os futuros professores para aberturas interculturais (educar para a diferença, privilegiando a identidade cultural da criança; promover contactos interculturais; reforçar a ligação da Escola à comunidade, fomentar a herança cultural do aluno, através da manutenção de laços com a língua, tradições e costumes de origem, etc...)

e cujos conteúdos se articulem em torno da Relação Língua, Cultura e Sociedade (temática aglutinadora)

Finalmente, sugere-se a elaboração de materiais que se articulem com as vivências, com as motivações dos alunos, com os contextos de ensino-aprendizagem e, ao mesmo tempo, que sejam construídos tendo em conta as línguas maternas dos aprendentes, para o que se necessita de descrições linguísticas eficazes.

A criança não chega à Escola isenta de todo o Saber. Carrega consigo tudo aquilo que a comunidade onde esteve inserida lhe transmitiu. Contos, lendas, cantilenas, fábulas, continuam a desempenhar um papel importante junto das crianças e o professor não pode fazer tábua rasa desses capital cultural. Antes pelo contrário, deverá valorizá-los, mas para os valorizar precisa de os conhecer... Por outro lado, proferimos amiúde frases como: *esperto como uma raposa, estúpido como um jumento, ágil como uma gazela...* Mas será que é possível estabelecer estas comparações em todas as culturas?

Fazendo uma brevíssima digressão pelo bestiário relacionado com a literatura popular, em alguns países da CPLP, encontramos:

Na Guiné Bissau, “Os personagens mais populares são sem dúvida Hiena e Lebre (Lubu Ku Lebri). O primeiro é tudo gulodice, voracidade, precipitação, maldade e estupidez (...). É quase sempre com a Lebre que partilha o papel protagónico na procura de comida, o objectivo quase único que orienta os seus deambulares e faz a acção avançar. Em contrapartida, a Lebre representa o paradigma da perspicácia, da astúcia, da agilidade de pensamento (...) fazendo gala de uma extensa gama de expedientes que lhe permitem livrar-se sempre com sucesso ainda das situações mais difíceis. O único adversário à altura da Lebre é *Coka*, a Perdiz. Tão esperta como ela, afigura-se no entanto menos cruel, manifestando a sua astúcia e inteligência mais em defesa própria do que para enganar os outros.”(1995:18) Sobreponível à representação da Lebre está a Raposa, em Portugal.

Em Cabo Verde, renasceu, a história de Chibim (Chibinho) e Tilobo, a partir da história portuguesa do Lobo e do Cordeiro. O Chibim é astuto e é capaz de sobreviver em tempo de escassez, contrariamente ao Tilobo que é vaidoso, estúpido e não sabe lidar com as dificuldades. Um outro elemento que pode surgir na história é a Ti Ganga, ave imaginária, símbolo da perversão. A sua presença é incompatível com a do Chibinho.

Se o Macaco simboliza a esperteza e a “marotice” na cultura portuguesa, em Moçambique, personifica além destas, a esperteza, a presunção, a preguiça e

ingenuidade e a fanfarronice, gozando contudo de uma certa simpatia. “É por isso que os seus triunfos são efémeros e acaba sempre por sair mais castigado do que vitoriado”. Em Portugal, associamos o Coelho à ligeireza e à rapidez, naquele país, é o símbolo da esperteza, tal como, na África Ocidental é a aranha, no Brasil o jabuti (espécie de tartaruga) e, em Portugal, a raposa.

O Coelho, a Hiena e o Macaco são três personagens, bem definidas na tradição oral moçambicana que não permitem a permuta de papeis. “A sua escolha encontra-se bem determinada, enquanto para caracterizar uma situação em que seja necessário a presença de um chefe ou de alguém poderoso, o contador pode escolher o Elefante, o Búfalo, o Rinoceronte, se quiser dar a ideia de corpulência, ou utilizar o Leão, o Leopardo, se quiser fazer sobressair a agilidade” (Lourenço do Rosário;1989:119)

O Leão, na comunidade sena e em todas as comunidades de cultura bantu, é tido como o chefe dos animais e rei de toda a mata. Daí, talvez, que desempenhe sempre papéis nobres, o que acontece não só em Moçambique.

Verificamos que a representação dos animais em diferentes culturas, traduz a articulação entre a universalidade e a singularidade, isto é, trata-se de um universal-singular na medida em que é uma realidade que existe em toda a parte, mas que cada sociedade interpreta à sua maneira, de forma diferente de todas as outras.

Na Identidade e na Diferença funda-se o conceito de Interculturalidade. É o mesmo mundo que transparece nos diferentes olhares culturais. A partilha dessas várias visões /apreensões permite enriquecer a comunicação intercultural, promovendo uma melhor compreensão do Outro.

Do que foi dito, conclui-se que devemos:

- encaminhar a formação dos nossos formandos no sentido da Educação Linguística;
- desenvolver a capacidade de comunicar - não apenas no sentido de estabelecer uma relação humana, mas também no de apreender os significados específicos da cultura corporizados nessa língua -, isto é, professor e aprendente deverão desenvolver uma **competência comunicativa intercultural** ou dito de forma mais actual – **uma competência pluricultural** , tal como é definida no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*.

Se as línguas não constituem reflexos homólogos de uma realidade universal, mas se cada uma é moldada pela experiência de uma comunidade; se sem a dimensão cultural é difícil conseguir uma comunicação bem sucedida, o que fazer então com a Língua Portuguesa dentro do espaço lusófono?

Eis aqui algumas propostas. No decorrer da minha actividade profissional, fui realizando com a colaboração de alunas, sobretudo da Formação Contínua, experiências várias neste âmbito, a que gostaria de chamar Uma Escola do Tamanho do Mundo, pois que, ainda que muito ligada ao espaço da CPLP, não necessita de lhe ficar limitado.

A metodologia utilizada foi sempre construída em torno da relação Língua/Cultura a qual retém o princípio de uma ligação unívoca e indissociável entre a língua e a cultura ensinadas e também uma coerência intracultural, na medida em que se procura que o aprendente parta das vivências que tem para adquirir os conhecimentos linguísticos em alguns casos, numa outra língua. Cultura é aqui abordada numa perspectiva etnográfica, como prática social. Assim sendo, a cultura expressa-se através do pensamento e este transmite-se pelo discurso. Benveniste (1966) afirma que é pela língua que o Homem assimila a cultura, a perpetua e a transforma. Nesta perspectiva, quer a língua quer a cultura são ambas “signos” e condições da vida em sociedade. São as duas formas através das quais se exprime a essência dessa mesma sociedade.

A professora doutora Rosa Virgínia Mattos e Silva afirma, no texto anteriormente citado, que: (...) *o expandir-se de uma língua de dominação leva consigo o estigma da morte e da vida, de glotocínios e de nascimentos linguísticos – lamentavelmente com o domínio daqueles e não destes. Ao longo da História essa estória se repete.*” Chegou talvez a altura de invertermos esta fatalidade.

Os objectivos definidos, foram os seguintes:

- Combater a glotofagia das línguas francas;
- Promover todas as línguas e sobretudo aquelas que têm menor reconhecimento;
- Identificar estratégias que promovam o plurilinguismo e o pluriculturalismo;
- Trabalhar a língua na sua transversalidade;
- Identificar estratégias que promovam o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa quer como língua materna, quer como língua não materna;
- Incentivar a produção de materiais/produtos

Público:

Alunos de escolas do 1º ciclo, na zona da Grande Lisboa

Etapas:

- inquérito para caracterização da população escolar (grupos de pertença: culturais e linguísticos) e expectativas relativamente ao ensino/aprendizagem de línguas;
- inquérito aos docentes relativo a programas de formação e expectativas relativamente a projectos de educação linguística;
- produção de materiais a serem testados em sala de aula;
- análise das aulas gravadas , das actividades realizadas e dos materiais produzidos.

A investigação foi sempre um estudo de caso, englobando diferentes técnicas de recolha de dados. Teve como finalidade descrever, inventariando, as práticas educativas que promovem o plurilinguismo e o pluriculturalismo e, simultaneamente, aquelas que estimulam um conhecimento mais adequado da Língua Portuguesa.

(apresentação de alguns exemplos ilustrativos de trabalhos produzidos e do livro: *O mistério de um Sol e oito janelas*, que pretende trabalhar esta diversidade linguística e cultural na CPLP e de criar uma “cidadania lusófona”)

Em conclusão, levantarei as seguintes questões:

- Não será hora de os linguistas inventariarem o uso da Língua Portuguesa em diferentes territórios? Não será tempo de se estabelecerem princípios/regras que norteiem o seu ensino em diferentes contextos? De trabalharem a questão da(s) norma(s) em contexto lusófono?
- Será que não se poderão estabelecer níveis de aquisição e definir competências para a Língua Portuguesa em contexto lusófono? Será que dentro da própria Língua Portuguesa não há diferentes níveis de competências plurilingue(s) e pluriculturais?

E deixarei os seguintes pedidos:

- a definição de uma política linguística própria que promova estudos que conduzam à normalização do português, em cada um dos espaços em que é utilizado. Ainda que o Dicionário Houaiss seja um passo, uma vez que, como afirma Feith, além de “ o mais completo e mais inovador [dicionário], é efectivamente lusofónico, abrangendo a língua falada por 220 milhões de pessoas em todo o mundo”.
- A promoção da investigação, a troca de experiências, a recolha de dados para que as instituições de formação de professores possam construir materiais adequados e motivantes para a aprendizagem da Língua Portuguesa.

Finalmente e porque acredito que o plurilinguismo e o pluriculturalismo lusófono é uma realidade e uma enorme riqueza, direi: Eu vou de microlete. E tu? Vais de ónibus? De autocarro? De machibombo? Ou de chapa?....

São estes alguns dos *Novos Desafios no Espaço do Ensino e Investigação dos Países de Língua Portuguesa*.

Bibliografia

Ferreira, Manuel,(1973), *Aventura Crioula*, Plátano Editora, Lisboa.

Jucquois, Guy, (1990), *Dans quelle mesure la langue est le résultat d'une culture ?* in *Le langage et l'Homme*, vol. XXV, n° 4, Bruxelles.

Lopes Filho, João, (1981), *Cabo Verde – subsídios para um levantamento cultural*, Plátano Editora, Lisboa.

Montenegro, Teresa, (1995), *As Enxadas do Rei – os animais no imaginário guineense*, Ku Si Mon Editora, Bissau.

Pretceille, Martine et Porcher, Louis, (1996), *Éducation et communication interculturelle*, coll. L'éducateur, PUF, Paris.

Rosário, Lourenço J.da Costa, (1989), *A Narrativa Africana de Expressão Oral*, Ministério da Educação, Angolê, Lisboa.

Soares, Lúcia Vidal e Branco, Laura, (2005) *O Mistério de um Sol e oito janelas*, Lidel, Lisboa.

Soares, Lúcia Vidal, (1996), *O manual de iniciação em Português Língua Estrangeira*, Universidade Aberta, (não publicado).